



Jornal das Senhoras – Tomo VI. – 20 de agosto de 1854 – Edição 34

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00034.pdf

3º ANNO.

TOMO VI. - DOMINGO, 20 DE AGOSTO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS
JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

MODAS.

Quem dirá que a semana passou-se morna e silenciosamente repousando da fadiga das festas e bailes que tiverão logar nesses dias de tanto movimento!

O mez de agosto não consente semelhante offensa aos seus bellos dias e bellissimas noites. Succedem-se neste mez as funcções, as *soirées*, os bailes, de toda a parte, com maravilhosa novidade e movimento: a natureza parece florescer toda nesta bella estação embalsamando os corações com as mais apuradas essencias do prazer e da animação, para preencherem trinta e um dias do anno com toda a sorte de divertimentos.

Ainda bem não se ha descansado de todas as festas da semana, entre as quaes tiverão toda a distincção, o baile do Sr. Barão de Merety e o da Sra. Condessa de Sarapuhy, onde a elegancia e esplendor reinárão com todos os seus encantos seductores; já o *Cassino* nos bate á porta e o grande concerto, que deve ser magnifico, de baile e cantoria dado no salão do *Paraíso* em beneficio do estabelecimento pio de S. Joaquim, fundado em S. Christovão, para asilar e educar a orfandade desvalida de ambos os sexos e de qualquer condição. Outros muitos bailes e *soirées* particulares; a *Vestal* sociedade muito concorrida e mui bem dirigida; o baile dos Militares; o anniversario da sociedade Phil'Euterpe nos seus novos salões; annos; casamentos,

enfim, é um mez de completo prazer e movimento em todos os circulos, em todo o mundo elegante o qual não tem mãos a medir aos convites que lhe chovem de toda a parte. E' um mez, querida leitora, de delicias, de um constante enlevo, de uma felicidade embriagadora para quem sobre tudo tem seu coração tranquillo, que ama os salões por amor delles sómente, que valsa e passeia n'um céu de venturas imaginadas, respirando uma vida de encantos nas azas da velubilidadade. Ia agora cahindo no sentimental inadvertidamente! Passemos a outro assumpto antes que a minha querida leitora faça juizos gracejadores a meu respeito.

Sem saber o que promettia, disse que vos daria noticia de alguns dos mais ricos vestidos que se fizerão para a festa da Gloria e baile do Sr. Barão de Merily, hoje é que me estou vendo em apuros para apresentar-vos a descripção delles! São tantos, tão lindos, tão ricos, que não sei aos quaes deva dar preferencia entre cento e vinte e seis que tomei, com toda a paciencia, nota circunstanciada para vos apresentar.

Notarei em primeiro logar alguns, das muitas duzias que fez a casa de M.^{me} Barat para o baile.

Para Sua Magestade a Imperatriz, um vestido adoravel pelo seu apuradissimo gosto e sua brilhante

simplicidade — Era de filó de renda de seda lizo, ornado e coberto de folhos da mesma fazenda, enfeitado de ricos blondes *guipures* e fita, e enriquecido com uma magnifica guarnição de rosas *Batton* e uvas pretas, de um delicioso effeito. A grinalda e ramo do peito erão das mesmas rosas e uvas.

Este *toilette* foi o unico que se apresentou neste bello genero de enfeites e de sua simples riqueza.

O vestido da Sra. D. Elvira B.... era de filó de seda liso, coberto de folhos da mesma fazenda, enfeitados de renda de ouro, galões orientaes e marabûs. O penteado enriquecido com barbas de ouro e marabûs.

Da Sra. Viscondessa de Montalegre, era de escomilha branca, com folhos lavrados de prata, ornado de uma guarnição de plumas brancas, com rosas e brilhantes.

Da Sra. D. Jeronima A.... era no mesmo gosto do da Sra. Viscondessa, apenas differençando na côr: era côr de cana, as plumas brancas, e as rosas tambem.

Da Sra. D. Theresa S... era de filó preto todo salpicado de estrelas de prata, enfeitado de flores escarlates e marabùs brancos.

Da Sra. D. Maria G. P... era de seda azul lavrada de prata, ornado de brilhantes.

De Mss. Taylor era de seda azul lavrada de prata, com enfeites de prata e plumas azues.

De Mss. Taylor filha era de filó de seda com quatro saias, todas guarnecidas com folhagem de ouro. Cabeção á Fontanges ornado da mesma folhagem.

Da Sra. D. Maria C. d'A. V... era de filó azul todo salpicado de prata com enfeites de flores matizadas.

Da Sra. D. Josefina da F. C.... era de garça branco, com folhos lavrados côr de cana, guarnecido de flores matisadas.

Da Sra. D. Maria M. P.... era de setim carmim coberto de renda de prata e enfeitado de ouro e flores matisadas.

Da Sra. D. S. Vianna era de seda côr de cana lavrado de prata.

Da Sra. D. Maria E. de L.... era de seda azul enfeitado de renda ponto de Inglaterra e fita de veludo lavrado de prata. Grinalda de brilhantes no cabelo.

Da Sra. D. Maria da P. M.... era de nobreza branca, com duas saias ornadas de grinaldas de flores matisadas tecidas na mesma seda, enfeitado de flores e marabùs.

Da Sra. Marqueza de V.... era de *moire antique*, côr de flor de alecrim com rica berthe de blonde *guipure*, e enfeitado de plumas brancas.

Suas duas queridas filhas trajavam *toilettes* iguaes. Os vestidos erão de nobreza côr de rosa enfeitados de franjas e folhos de filó côr de rosa, flores da mesma côr e brancas.

Da Sra. D. Rita B.... era côr de flor de alecrim lavrado de prata.

Da Sra. D. Maria B.... era de escomilha branca, com tres saias, enfeitado de uma rica fita branca lavrada de ouro formando uma grinalda, e guarnecido de ricas flores e ouro.

Da Sra. D. N. da Costa, era de seda azul, bordado, e enfeitado de marabùs e blonde *guipure*.

Da Sra. D. Luiza S.... era de nobreza côr de rosa, todo coberto de renda ponto de Inglaterra, e enfeitado de marabùs côr de rosa.

Da Sra. Baroneza da G.... era de seda côr de rosa lavrada de prata, enfeitado de renda de prata e marabùs.

Da Sra. Baroneza do P.... era de nobreza branca bordado de azul, enfeitado de plumas azues e prata, e o de sua estimavel filha, era de tarlatana lavrada de prata.

Da Sra. D. Maria V. do L.... era de seda branca de cores matisadas, guarnecido de folhos e enfeitados de renda matisada.

E assim, nesta riqueza, neste gosto, na adorável distribuição de encaixadores enfeites, erão todos os *toilettes*. Póde-se dizer, sem errar, que um só vestido não havia que não merecesse as honras da distincção de bon-tom. Tudo era bonito, brilhante e seductor.

Christina.

Cattete, 19 de Agosto.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE ESTAR EM CASA. — Meia touca enfeitada de fita e veludo, penteado de bandós elevados.

Vestido de nobreza côr de cinza, saia lisa, ordenada simplesmente com uma ordem de botões iguaes na frente.

Corpo afogado, com cinto de basquine enfeitado de franja solta e botões.

Mangas de preguinhas, com pagodes da mesma fazenda, guarnecidas tambem de botões.

Collarinho e sub-mangas de renda valenciana.

VESTUARIO DE PASSEIO. — Chapéo de palha de arroz com plumas e fita da mesma côr. Bandós lisos.

Vestido de tafetá azul com dous folhos recortados, de bicos quadrados, rodeados de veludo e guarnecidos de renda larga preta.

Mantelete da mesma fazenda com o mesmo recortado dos folhos, guarnecido todo em volta de uma larga renda preta.

Collarinho redondo de *guipure*.



A FESTA DA GLORIA.

Parece singular, mas é pura verdade, que até entre os santos existe uma espécie de rivalidade, que não seria eu quem explique.

Os tres mais notaveis, e que são mais festejados, como que de proposito procurárão o mesmo mez para ostentarem as galas de suas festas. Santo Antonio perdeu de seu brilho pela recente bulla do Santo Padre; S. Pedro não póde estar mais contente: ficou S. João para attestar, até nessa excepção, que ella sempre fòra o primeiro que permanecia o unico, com suas noites frias e nebulosas, seus serões aquecidos ao calor das fogueiras, suas danças alegres, seus cantos quebrados, suas confissões segredieiras, e suas canas assadas e suas adivinhações mentirosas.

E pois era justo tambem que as santas tivessem seus dias destinados, seus momentos de prazer, suas festas esplendidas. E se elles procurárão os folguedos e alegria para marcarem seus dias, ellas procurárão a melancolia e a doçura para infundir nas almas o respeito á religião, o amor á virtude e o encanto pelas cousas do Céu.

Assim lá se foi collocar sobre sua penha a santa desse nome que faz palpitar tantos corações no dia destinado para seu festejo. Solitaria e triste, ella a quiz ficar no despovoado de sua habitação, ensinando a amar o silencio, amenisando a solidão e contentando-se em viver a vida da contemplação no descampado de suas faldas e, alongando a vista pelas campinas florentes que lheatapetão o chão de sua morada.

Poetica na posição de sua igreja, triste no solitário retiro ue buscou, infunde pelo coração uma certa dor de contentamento que sabe vibrar as mais doces cordas do coração.

Santa Thereza tambem foi buscar a sua montanha, esconder-se pelo verde dos bosques, ficar meia escondida e meia á vista, para exergar sem ser observada e apparecer para que se não esqueção della.

E Nossa Senhora da Gloria foi sentar-se em sua collina verdejante: quiz olhar de um lado as casas da cidade e do outro espraiair-se pelas aguas azues de sua Guanabara: quiz ficar como uma boa mãe no meio de um jardim, vendo de um lado brincar os seus filhinhos e do outro distrahir-se entre as flores. Quiz harmonisar os cuidados da sua protecção com a liberdade de sua distração. Tem tambem o seu dia destinado, tem seus devotos fervorosos que não se esquecem de beijar-lhe a mão abençoada na celebração de seus encantos, no anniversario de sua festa. E nesses dias as aguas do mar reflectem com mais fulgor os raios do sol, e o verde das folhas toma um colorido mais bello, e a sombra da noite outros encantos, o crepusculo outra

doçura, a vida sua melancolia. O prazer faz borbulhar as lagrimas do contentamento, e a dor pinta novos sorrisos sobre os lábios. As estrelinhas no Céu scintillão com outro brilho, como lentejoulas brilhantes a recamarem o manto azul celeste.

E' um dia inteiro passado no folgado de uma festa religiosa, uma noite completa que se passa como na magia de um sonho. As almas expandem-se com mais suavidade, as vozes como que tomão uma expressão mais terna, os sentimentos parece que se exprimem com mais fidelidade, as confissões não são mentidas.

E' emfim a santa das recordações alegres, das dores suaves, da poesia melancolica. As ondas do mar vem obedientes e respeitosas beijar-lhe as plantas, e esse dia como que entoão em côro o hymno de suas harmonias selvagens em honra da festividade de sua Gloria! As brisas soprão mais de mansinho na folhagem dos arvoredos e vão ciciar-lhe aos ouvidos a canção de suas ternuras.

A propria igreja reveste-se de uma especie de pallidez serena a contrastar com a côr pardacenta das pedras de sua torre.

A unica linguagem que se falla nesse dia é — a sinceridade, a unica palavra que se murmura é — o seu nome, a unica idéa que enche todas as cabeças é — sua festa, é a ate parece-me que o unico sentimento que enche todos os corações — é o amor, a pureza, a castidade!

B...

A ROSA DO SEPULCHRO.
POR D. M. DE O. QUINTANA.
(Continuado do n.º 33.)

Tocado pelo seu exemplo, o seu amante ajoelhou-se a seu lado e tambem exclamou:

— Meu Deus e meu Senhor! A vossa misericordia é infinita!

E lagrimas de amor banhavão as faces destes reconhecidos amantes.

Quadro sublime, e de uma simplicidade verdadeiramente christã! Dever cautelosamente seguido pelas almas candidas e bem formadas. No altar da felicidade, assim como no abysmo da desgraça, o primeiro pensamento é sempre para Deus: para Deus, porque ellas acreditão piamente

que é elle o Senhor de todos e de tudo, e que se a felicidade algumas vezes visita a terra, é porque elle a concede.

Descrevámos porém de uma só pennada, ou antes digámos, que a personagem que acaba de chegar, é um joven de desoito annos em todo o vigor da mocidade, bello, e de olhos expressivos. O seu fardamento nos mostra que é um tenete de exercito brasileiro, e as suas lagrimas que é o predilecto da nossa Ethelvina. E pois, continuemos a narração.

Emygdio... disse finalmente Ethelvina. Mas o dever, exige que partas! Vai, e se ao voltares dessa campanha, ainda me amares como hoje, achar-me-has a mesma, sempre contente!

— Oh! Deus te escute !

— Eis ali o valle aute nós, alvejado pelo luar como o Eden celeste! Transpol-o meu amigo, é o teu dever. Além te esperão as honras e glorias, vai...

— Assim o queres... Mas antes que eu parta, antes que eu te deixe, e quem sabe se para sempre... dá-me um penhor do teu amor! Um objecto que prezes, e que seja na minha adversidade o santelmo que me deva conduzir um dia para junto á ti.

Erguendo-se com elle, tomou-o pela mão e conduziu-o para além da habitação, onde forão parar junto á um funebre cypreste que lugubre ahi se erguia.

— Ah!... exclamou Emygdio estremecendo a seu pezar. Porque para um penhor do teu amor, é mister uma lembrança de morte?!

— Por que, disse Ethelvina indicando uma cruz toscamente trabalhada que a pouca distancia existia do cypreste. Por que ali, onde mais reflecte a lua por sobre o sepulchro de minha desventurada mãe, uma triste roseira entrelaçada os seus verdes ramos por entre os braços dessa velha cruz! Porque tu queres um penhor do meu amor, é eu quero dar-te um que me lembra sido demasiadamente caro.

Duas lagrimas se deslisavão em fio pelas suas faces divinas nesse momento. Talvez que um passado, adormecido sob o véu do esquecimento, acabasse de ser despertado pelas palavras da virgem ! Mas seja o que for, Ethelvina aproximou-se da roseira que ella plantára sobre o sepulchro de sua mãe, colheu uma pallida rosa, e apresentou-a a Emygdio.

— Toma, Emyglio, lhe disse ella, toma esta rosa. Ainda hoje reguei-a com minhas lagrimas... é o penhor mais caro que eu te posso dar! Se um dia a sorte nos puder separar; si um dia suspeitares de meu amor, e me amares sempre, apresenta-me esta triste flôr... recorda-me este momento da nossa separação, e tu verás, que a tua Ethelvina, assim como agora jura pela alma de sua mãe, de ser somente tua, o jurará mil vezes em qualquer tempo, si mil vezes se

tornar preciso. Sim, oh! minha mãe! e juro pela salvação de tua alma, e ainda se condemne, si eu quebrar o meu juramento!

Agora, prosseguiu ella voltando-se para Emygdio, e derramando abundantes lagrimas, agora parte para bem longe! Esquece-me si o quizeres... Mas amar-te-hei sempre, tu o sabes...até morrer!

E desprendendo um cordão de ouro que sustentava uma medalha do mesmo metal com a sua firma gravada, abriu-a, collocou a rosa dentro, e offertou-a á Emygdio.

— Oh! minha Ethelvina! exclamou elle apertando sobre o coração o objecto que acabava de receber. Essa rosa é o taliman do nosso amor, e ella nos liga em juramento inviolavel! Pois bem, por ella e por ti, eu juro que deixarei de trazel-a sobre o meu peito sómente quando já não puder defender o meu thesouro, ou quando já não existir! Agora, anjo do meu amor, continuou elle reprimindo a custo duas lagrimas que rebeldes cahião de seus olhos, agora, meu anjo, adeus! Possão estes bosques, estes prados, estes rochedos, estas flores, fallar-te continuamente desta dôr que comigo levo, e trazer-te sempre ao pensamento um passado que tanto amamos. Adeus pois! E uma teria coragem para deixar-te, si mais um momento repercutisse em meus ouvidos o som da tua voz? Adeus, Ethelvina!... Oh! minha Ethelvina...

Emygdio coutemplou-a com olhos cheios de lagrimas, e disse ainda:

— Adeus!

E afastou-se soluçando.

Nesse momento porém um grito doloroso feriu os seus ouvidos, e o obrigou a voltar.

Era Ethelvina que, não podendo supportar a dôr da separação, soltára o grito que Emygdio ouvira, e cahira redondamente sobre o sepulchro de sua mãe.

Erguel-a em seus braços e fazel-a recuperar no mesmo instante os sentidos, foi prodigio esse que sómente Emygdio e os genios do amor nos poderiam explicar.

— Por que partes? Eu morrerei sem ti! Disse ella.

— Ah! que se tu o quizesse, exclamou Emygdio, nós partiríamos ambos. Não é preciso para a nossa felicidade que vivamos juntos?...

E como ella nada respondesse, collocou sobre sua cabeça um fino lenço de seda azul, atou-lhe as pontas embaixo do queixo, tomou-a pela mão e convidou-a a segui-o.

Então os dous amantes afastarão-se rapidamente e desaparecerão, seguidos pelo valente Tupy, na tortuosidade do caminho, que devia de conduzil-os para muito longe desses logares.

E já era tempo.

Para o lado donde partirão os roceiros, ouvia-se os murmurios das vozes e brilhavão por entre os arvoredos os reflexos de innumeraveis archotes.

Finalmente, a comitiva appareceu, e na frente della, marchava um corpulento mancebo conduzindo um grande mastro, ornado de folhas de mangueira, entremeiadas de pequenas laranjinhas. Outros seguião-no trazendo em seus hombros, cestos cheios de batatas doces; alguns carregavão feixes de canas, e o resto empunhava grossos archotes de guaracyea, que agitavão ao ar triumphantemente.

Era esta a surpresa que o Sr. Manoel Cabiuna reservava ao seu amigo para o festejo da vespera de J. João.

— 269 —

— Aqui Gregorio, aqui meu filho, é que deve ser plantado o mastro, disse elle indicando um logar que lhe pareceu melhor. E enquanto a vocês outros, toca a folgar! Arme-se já uma grande fogueira, e eu quero ver como a Sra. Anninha dos Coqueiros, se sáe nos seus pinotes. Vamos, vamos! *Zézinho*, toca a *tontinha*! (*)

A ordem estava dada: rufarão-se os adufos, chocalharão-se os pandeiros, e ao som dos machetes e das violas, diversas modinhas atroarão os ares.

E sómente algum tempo depois destes arranjos foi que derão pela ausencia de Ethelvina e do moço da cidade.

Entretanto, os dous amantes, notando a belleza do luar e o azul do Céu, sentindo o rumorejar das arvores e o melancolico piar de uma ou outra avezinha, prodigalisavão-se mil ternas expressões, e confessavão-se mutuamente que nunca havião passado uma noite assim.

— Se o nosso amor, dizia Emygdio, chegasse a criar raizes tão profundas, que invejoso da nossa felicidade, o destino, nos transformasse em uma arvore, esta seria bella e frondosa. Eu seria o seu tronco, e tu a sua flor. E querias deixal-a, minha Ethelvina, sendo tu o seu mais bello ornamento?

— Não, eu não queria deixal-a; mas se assim fosse tu o sabes, Emygdio, a flor quando deixa a sua arvore, deixa-a para morrer!

Um amplexo reciproco concluiu este dialogo, e assim enlaçados partirão unidos como duas flores na mesma hastea.

II.

FATALIDADE.

Silencio! agora só é dado
aos mortos de fallar....

CHATEAUBRIAND.

Adiante delles, Tupy, saltava de contente, ora fazendo correr espavoridas as timidas prêas, e ora investindo para os bacuráus, que mais além o tornavão a esperar, para voarem, apenas presentissem de novo.

Algumas vezes, Emygdio e Ethelvina, sem cuidarem senão de si, assentavão-se por um instante embaixo de algum frondoso airyribá, para verem a torrente de um ribeiro revolver no fundo da areia os brancos seixinhos; ou para escutarem o mormurio das aguas que parecião repetir os seus nomes. Outras vezes porém, qual Daphanos e Chloé, corrião pelas varzeas orvalhadas, e buscavão ressarcir o tempo que não foi perdido, porém que se houvera escoado emquanto contemplavão o ribeiro e os seus brancos seixinhos.

Certamente que Atala e Chactas, percorrendo os glaciaes sertões, cheios de vida e de amor, não serião mais felizes no principio de sua peregrinação do que os nossos dous jovens, em demanda de um porto, d'onde se partissem para longe da Guaratiba.

Não é aos quinze, nem aos dezoito annos, quando o amor impera absolutamente em corações, que nem se lembrão de resistir-lhe, que uma estrada a percorrer parecerá demasiadamente longa, e o caminho encommo, por mais intranzitavel que seja. Ethelvina e Emygdio não sentirão a jornada. Amor e mocidade davão-lhes forças, e o desejo lhes emprestava azas velozes, que não obstante as circumstancias, forão esquecidas.

Acabavão pois, os dous fugitivos de avistar o morro do Pontal, quando encontrarão um velho pescador, que cantarolando o estrobilho de uma canção professional, partia em busca da pobre habitação, mais feliz, do que um rei, ou ao menos com a consciencia mais tranquillã.

— Olá! meu amigo! gritou-lhe Emygdio. Somos moços; perseguem-nos, e precisamos neste mesmo instante embarcar para a cidade. Se não me quereis prestar o serviço, prestai-o ao menos a essa joven...

— A senhora é irmãa do Sr. official? perguntou o velho pescador.

— Sim, disse Ethelvina córando e abaixando os olhos.

— E então porque os perseguem?

— Meu amigo, o tempo insta. Partámos! em viagem tudo vos contarei.

— Tambem é o mesmo, disse o velho. Se faço este favor é pelo amor do proximo.

— Pois sim.... Mas partámos que o tempo vôa.

— Partamos, disse o velho.

E em seguida conduziu-os á sua pobre vivenda. Chamou por quatro robustos mancebos, mandou puxar para o mar uma canôa de voga, e depois que os viu embarcados, quando já os remos manejados pelos vigorosos pulsos dos seus quatro filhos fendião as ondas, e Tupy resolutio, se collocára de modo a parecer a figura da prôa, exclamou:

— Boa viagem!...

— Amen! responderão os dous amantes.

E a canôa se afastou da praia impellida vigorosamente.

De repente, porêm, gritos estrondosos echoão nos ares, e Emygdio e Ethelvina percebem a toda a cometiva dos roceiros que furiosos correm para elles.

— Rema! rema! bradou Emygdio.

— A' elles! a elles! bradan tambem o Sr. Jatahy.

E emquanto que alguns roceiros, se mettião em pequenas canôas, e que outros mais impacientes, se atiravão a nado, o Sr. Antonio dos Tremóços, lançou um chuveiro de pedras em direcção aos fugitivos, que inoffensivas abysmavão-se nas aguas a pouca distancia delles.

— Meu Deus! Meu Deus! mormurou Ethelvina.

— Coragem! coragem, minha Ethelvina! disse-lhe Emygdio, sustentando a encantadora virgem que desmaiava a olhos vistos.

(*) Dança vulgar entre os habitantes de fóra da cidade.

— 270 —

A posição dos dous era incontestavelmente critica.

O Sr. Jalahy, já quasi apanhava os fugitivos. Gritos estrondosos partião de todos os lados, e já alguns dextros nadadores tocavão com as mãos as bordas da canôa.

Foi então, que os quatro pescadores, querendo á todo o custo salvar os seus protegidos, derão uma forte impulsão á sua canôa, e forão inadvertidamente lançal-a sobre um penhasco, onde ella se fez em pedaços.

Então dous gritos partirão ao mesmo tempo, e os dous amantes, nos braços um do outro desaparecerão no turbilhão das ondas.

Uma nuvem interceptando por alguns momentos os raios da lua, veio escurecer este quadro de horror como se fosse preciso, para haver harmonia em tudo, e até na decepção, que as trevas se casassem com o terror!

Entretanto, ouvia-se o rumor que com as patas fazia um cão, nadando desesperadamente.

Mas, quando a lua desempedida, tornou a mostrar-se bella e serena, sómente se viu os quatro remadores aportando a salvamento na praia amiga.

E o que era feito de Emygdio e de Ethelvina?

Os roceiros, amigo leitor, os procurarão até o amanhecer, e desesperados por não encontrá-los, retirarão-se tristes, e chorando amargamente.

(Continúa.)

POESIA.
ESTRELLA D'ALVA.

Amão outros talvez o sol ardente
Ou a lua embalada em Céu de anil,
Eu amo o astro que precede o dia,
A minha estrella d'alva tão gentil.

Se a não vejo no Céu limpido e puro
Por essas horas doces d'alvorada
Punge-me n'alma a dôr; tenho saudades
Que eu quizerá vêr sempre a minha amada.

Oh! como é lindo o astro de minh'alma
Em seu leito de azul, aonde a aurora
Em roseas nuvens vem banhar-se a fronte
Do doce orvalho que nas flores chora!

Tem sobre a face um brilho que deslumbra,
Tem um sorriso que transporta o peito
E quanta mágoa não derrama n'alma
Quando morbida esvai-se no seu leito...!

Amo muito o meu astro; quero-a sempre
A minha estrella d'alva prasenteira.
Oh! quantas noites ella vem d'envolta
Nos sonhos meus luzir-me á cabeceira!...

Oh! que sonhos então, que doces extasis,
Que d'illusões suaves me electrisão...
Deixando ethereas fórmãs, virgem candida,
O astro tem uns olhos que escravisão.

Roupas de neve pura, faces roseas,
Labios que doura o riso virginal,
Finos cabellos sobre o collo spessos
De amor e graças tremulo seudal.

Não é um astro então, tem vivas fórmãs
E pura, doce, candida expressão:
Oh! como de joelhos tenho-a visto
Pedir a Deus em mystica oração!...

Estrella que reluz pela alvorada,
Ou virgem, como a vejo no meu sonho;
Eu amo-a muito, a sylphide celeste,
A doce fada, o seraphim risonho.

Amão outros talvez o sol ardente,
Ou a lua embalada em Céu d'anil:
Eu amo o astro que precede o dia,
A [minha estrella d'alva tão gentil.

Costa Carvalho.

— 271 —

MULHERES CELEBRES.

F

(Continuado do n. 35.)

FRANCISCA BROOK, morreu em 1789, tres dias depois da morte de seu marido.
Insigne escriptora, sua habil penna traçou além de innumeras poesias o poemeto — *Virginia* —

; a historia de *Julia Maleville* (1765) que teve um brilhante successo; *Emilia Montague* (1770); *Memorias do marquez de Saint-Fallais*; a *Execução* (1777), romance critico contra Garrick, que não quizera representar em uma das suas tragedias, e a *Solteirona (la vieille fille)*. Como romancista foi muito estimada, e ainda hoje lê-se uma boa parte de suas obras; mas como dramaturga só pôde obter applausos em duas peças: na opera comica *Marianna*, e na *Rosina* que a fez esquecer-se dos passados desgostos. “O furor que causou esta peça, diz um autor inglez, não é dado descrever.”

FRANCISCA MARGARIDA DE SEVIGNÉ, condessa de Grignan. E’ esta a idolatrada filha da senhora de Sevigné, a inspiradora das cartas que a celebrisarão. Francisca, espirituosa como sua mãe, e adornada de brilhantes prendas, cultivou tambem as letras, deixando alguns manuscritos e a obra impressa: *Resumo do systema de Fénelon sobre o amor de Deus*.

FRANCISCA MASUIÉRES, filha do mordomo de um dos reis de França. Entregou-se desde criança á poesia, onde fez não pequenos progressos, causando geral admiração aos litteratos que a conhecião. Diz um delles: “As obras de Masquières são todas escriptas em uma linguagem bella e pura; sua versificação é suave, porém muitas vezes fraca e sem o necessario fogo das figuras.” Na *Collecção de poesias* n. 12, 1715, encontrão-se as seguintes: *Descripção da galeria de Saint-Cloud*. *Origem do alaúde* e uma *Elegia*. Morreu em 1728.

FRANCISCA DE MOTTEVILLE, nasceu na Normandia em 1621, morreu em 1689. Escreveu cinco volumes de *Memorias curiosas e interessantes*, extremamente elogiadas por quasi todos os criticos francezes. Marmontel colloca-as acima das de Hamilton e Staal, quer pelo lado synthetico, quer pelo plastico, não obstante La Harpe consideral-as escriptas em um estylo fraco e descuidado.

FRANCISCA NEBRISA foi professora de rhetorica nas universidades de Salamanca e Alcala.

FRANCISCA DE RIOS, Hespanhola, nasceu em Madrid em 1785. Na idade de treze annos traduziu a vida de Angela Faligni, do latim, e dahi então seguiu a carreira da litteratura, a qual muito illustrou com suas obras.

FRANCISCA THEREZA, condessa de *Legroing de la Maison-Neuve*; nasceu em Bruyère (Lorena) em 1764, morreu em 1837. Litterata de alguns conhecimentos, a lingua materna possuia varias obras suas.

Celebrisarão-se mais: como actriz: *Francisca Rancourt* (Nancy 1756—1815); como litteratas: *Francisca Jennoux e Fliassia*; como poetisas: *Fuscarina, Fabrona Panolini*; e soror *Francisca da Columna*; igualmente, como dançarina: *Francisca Prévost* (1681—1741).

(Continúa.)

O ARTISTA E O MOÇO RICO.

— João! Jeronymo! Verissimo! Luiz! Aniceto! salta.... cambada de madraços! São tres horas. Disse a estes estupidos que queria ir para a caça ás duas horas, e elles ainda dormindo! Que inspirados animaes, que não sabem, nem mesmo é possivel poderem apreciar o gozo que se desfructa neste terrestre divertimento. Jaques, os meus cães?

Assim *bradava* um *moço rico* a quem o sangue escravo escaldando porque lhe faltava o tempo, segundo a sua idéa, para ir fazer guerra de morte aos indefesos animaes terreos e aereos, que pulando alegres em torno dos caros penhores da sua ternura, não esperão que um carrasco a quem a justiça não deu a autoridade de algôz, lhe venha extorquir a vida, cuja posse é privativa daquelle que lh'a deu.

No meio desta vozeria os criados apparecem; Jeronymo traz a *matadora*, João polvarinho, Verissimo a rede, Jaques os cães, Luiz as immensas botas que devem salvar seu amo das desfeitas dos penedos e *capoeiras*.

O nosso amigo examina a *caçadeira*... oh! como a breca.... o ouvido está surdo, e nem com mil bombas lhe podem fazer gozar este sentido. Estava encravado!...

Que diabrura!...

Isto era tarde; mas que fazer? Ir á caça sem os instrumentos para matar era o mesmo que ir ao mar pescar sem levar redes e anzóis. Nada... não podia ser. Lá vai para o espingardeiro.

O moço seguido dos seus cães entra na casa do mestre, e diz-lhe:

— Ora viva; é necessario que *você* me arranje este *verdugo* para eu ir caçar os que não conhecem o mal que elle lhe póde fazer.

— Que seja necessario esse trabalho, senhor, não duvido; mas o tom imperioso com que me falla, obriga-me a dizer-lhe, que desconhece as regras da civilidade e da decencia. *Faça* — diz-se ao criado; e o homem delicado torna-se um monstro todas as vezes que abusa da sua posição para massacrar, ou ridicularisar o seu semelhante. Sou espingardeiro; porém na minha

classe considero-me acima do proprietario e do negociante. O trabalho que me pede, se não de pouca consideração, é de muita, por ser pedido e não rogado. Nós outros, os artistas, seriamos dignos de censura se alardeassemos do pouco merecimento com que a arte, á força de estudo,

nos quiz mimosear; porém não devemos descer abaixo do que podemos. O artista deve ser olhado com toda a circumspecção: não é um ente nullo na sociedade, é um dos seus melhores ornamentos; desgraçadamente porém não é tratado ainda como deve ser pelos que, por seus meios fortuneiros, se julgam superiores. Tal é a desgraçada sorte que os tornou dependentes. Vou fazer a sua obra, e se não ficar perfeita, a culpa não será minha.

Isto não tinha réplica.

O espingardeiro lançou mão da arma, preparou-a, e para mostrar que ella estava perfeita, carregou-a e disparou com facilidade.

O moço rico quiz certificar-se, e carregou-a tambem com quartos de bala. Sem olhar a pequenez da casa, nem attender ás reflexões do artista, desfechou o tiro, e no mesmo instante os pobres dous cãesinhos cahirão victimas da irreflexão de uma cabeça tresloucada.

A morte dos cães e a reprimenda do espingardeiro, conseguirão do caçador não correr mais atraz dos que fogem, e não esperar pelos que não prometterão vir.

O INSTITUTO PIO DE S. JOAQUIM.

Vai-se dar em breve, nos salões do Paraíso, um baile de beneficencia em favor do Instituto pio de S. Joaquim. Os bailes de beneficencia são uma instituição severa que sabe harmonisar perfeitamente os prazeres da vida com a caridade do fim.

O Sr. Joaquim Filho Candiani, que se tem distinguido entre nós por uma serie não interrompida de boas acções e por uma tenacidade de estudo que faz honra a seu espirito illustrado, veio ainda com essa instituição sublime dar-nos uma prova do interesse que toma pelas cousas que nos pertencem.

Nós convidando a todas as nossas dignas Assignantes a irem ao baile e prestarem assim pela sua concorrência uma obra de caridade, não é porque pensemos que essa idéa já não lhes tenha apparecido; pois estamos convencidos do que a corda da sensibilidade é a mais afinada dos corações bem formados.

Ide, minhas caras leitoras, ide ao baile de beneficencia, porque lá passareis algumas horas na doce distracção de um alegre festejo, e concorrereis assim para o esplendor de uma festa que tem em vista um fim tão nobre.

É quando as desditosas orfãs, para quem é levantado esse edificio, lembrarem-se de que em seu beneficio se lembrarão suas irmãs de assistir á essa festa caridosa, lá do seio de seu recolhimento mandar-vos-hão um sorriso de gratidão, e em suas preces fervorosas ao autor de seus destinos pedirão a Deus a recompensa de um tão caridoso auxilio.

A REDACÇÃO.

ANNIVERSARIO DO IMPERADOR NAPOLEÃO I.

Na manhã do dia 15 do corrente teve logar na igreja de Nossa Senhora da Ajuda a missa mandada celebrar pela legação franceza nesta côrte, em commemoração do anniversario natalicio do Imperador Napoleão I.

Os vasos de guerra francezes, surtos no porto, estiverão todo o dia embandeirados, e salvárão pela manhã, ao meio dia e á tarde.

Estava postada á entrada do templo uma guarda de honra composta de 150 praças da tripulação da fragata *Andromede*. Assistirão á esta festividade religiosa todos os empregados da legação, o almirante e officialidade franceza, e grande numero de Brasileiros enchia a igreja.

Acompanha este n.º 34 uma estampa com figurinos de estar em casa e de passeio.

TYP. DO *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N.165